

HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA: A PROSA TEÓRICO-HISTÓRICA

EXPERIMENTAL DE JOSÉ SARAMAGO

THE HISTORY OF THE SIEGE OF LISBON: *THE HISTORICAL EXPERIMENTAL THEORETICAL PROSE OF JOSÉ SARAMAGO*

Bruno Marques Duarte¹

Resumo: Este artigo analisa o romance histórico *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, publicado em 1989, através dos teóricos que examinam os principais traços da ficção histórica contemporânea. Observam-se por meio da análise as reflexões teóricas historiográficas e ficcionais que o autor promove ao entrelaçar o discurso da história com o da ficção.

Palavras-chave: romance histórico; José Saramago; ficção.

Abstract: This paper analyzes the historical novel “The History of the Siege of Lisbon” by José Saramago, published in 1989, by employing the developments of theorists that examine the main theoretical traits of contemporary historical fiction. The analysis will bring forth the historiographical and fictional-theoretical considerations promoted by the author while intertwining the discourses of history and fiction.

Keywords: historical novel; José Saramago; fiction.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa a complexa composição narrativa da prosa *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, a partir das teorias que examinam o romance histórico pós-moderno. Devido a sua múltipla abordagem temática, a referida obra portuguesa possibilita diversas chaves de leitura e análise. No entanto, opta-se aqui pelo olhar histórico em virtude de o autor conceber nesse romance uma forma

¹ Doutorando, FURG.

narrativa teórica experimental que, como veremos adiante, entrelaça a escrita ficcional e a historiográfica, mediante a reconstrução de um episódio histórico fundamental para o desenvolvimento de Portugal.

José Saramago era membro do Partido Comunista Português, enfrentou a censura e a perseguição durante a ditadura de Salazar, envolveu-se com a Revolução dos Cravos, de 1974, que conduziu o país a democracia. O escritor adquiriu fama através da publicação do romance histórico *Levantado do chão*, de 1980. Em 1998, foi o primeiro autor de língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura. Percebe-se que, desde a sua primeira publicação, Saramago trabalha com temas históricos, o que também se observa em alguns dos seus principais romances: *Memorial do convento* (1982); *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984); *A jangada de pedra* (1986) e *História do cerco de Lisboa* (1989).

O romance histórico tem apenas dois séculos de existência, entretanto, já passou por muitas transformações estilísticas e temáticas, uma vez que a sua condição híbrida, ou seja, trabalhar com a história e a ficção, possibilita receber influências de ambas as áreas. Desse modo, toda vez que o romance se renova e estabelece novas relações com a sociedade, o romance histórico também se modifica. Da mesma maneira, ele se vê afetado pelas novas concepções da epistemologia da história. Portanto, o romance histórico recebe uma influência bifronte desses dois campos, e o resultado é sempre singular. Por isso que a ficção histórica é um gênero absolutamente interessante de reflexões e possibilidades de estudo.

Linda Hutcheon na obra *Poética do pós-modernismo*, de 1988, pesquisa determinados romances circunscritos ao período histórico identificado por alguns autores como “pós-moderno”, que começa a partir da segunda metade do século XX, estendendo-se, talvez, até os dias atuais. Conforme Hutcheon, o emprego de determinadas características literárias nessa época definiriam uma “poética do pós-modernismo”, dado que essas obras apresentam em si um “fenômeno contraditório,

que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia” (HUTCHEON, 1991, p. 19), seja na historiografia, na literatura ou nas demais manifestações artísticas.

De acordo com a autora, a arte pós-moderna se caracteriza pelo uso da metacficção, ironia, paródia e intertextualidade. Na sua maioria, esses recursos são empregados com a intenção de problematizar a história oficial. Hutcheon argumenta que é a incidência assídua dessas características que constitui a poética do pós-modernismo, visto que essas particularidades também estão presentes em períodos anteriores à própria modernidade.

Hutcheon complementa que a principal característica do pós-modernismo no âmbito da ficção é o uso constante da “metacficção historiográfica” em obras consideradas paradoxais, como *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Segundo a autora, o conceito de “metacficção historiográfica” define-se por aqueles “romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente autorreflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos” (HUTCHEON, 1991, p. 21). Além disso, ressalta Hutcheon que tais romances históricos não pretendem “reproduzir acontecimentos, mas, em vez disso, orientar-nos para os fatos, ou para novas direções a tomar, para que pensemos sobre os acontecimentos” (HUTCHEON, 1991, p. 198).

Para identificarmos o grau de ruptura do romance histórico com o novo romance histórico — pós-moderno —, Seymour Menton na obra *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*, de 1993, parte das teses desenvolvidas por Hutcheon e delinea seis peculiaridades que os novos romances históricos, de um modo geral, apresentam na sua composição. Transcrevo abaixo essas seis características para posteriormente examinar a obra *História do cerco de Lisboa*, de Saramago:

1 - A subordinação, em diferentes graus, da reprodução mimética de um determinado período histórico para a apresentação de algumas ideias filosóficas aplicáveis a períodos do passado, presente e futuro. As ideias que se destacam são as da impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou a realidade; o caráter cíclico da história e, parodicamente, o caráter imprevisível desta, o que significa que os eventos mais inesperados e mais surpreendentes podem ocorrer;

2 - A distorção consciente da história, mediante omissões, exageros e anacronismos;

3 - A ficcionalização de personagens históricos bem conhecidos, ao contrário da fórmula de Scott, cujos protagonistas são fictícios;

4 - A metaficção ou os comentários do narrador sobre o processo de criação da obra;

5 - A intertextualidade;

6 - Os conceitos bakhtinianos: o dialogismo, a carnavalização, a paródia e a heteroglossia

Conforme adverte Menton, o que define o novo romance histórico não é necessariamente a presença dessas seis características. Na verdade, alguns romances apresentam quase todos os elementos, porém, em outros, a presença desses traços é mais sutil. Pode acontecer também de verificar-se apenas uma ou duas das seis características apontadas. Portanto, a partir desse referencial teórico que estuda as ficções históricas publicadas a partir da segunda metade do século XX, analisa-se a prosa *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago.

2. HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA

De acordo com os dados oficiais da história, o episódio do cerco de Lisboa ocorreu no século XII, em que, após a conquista de Santarém, o rei português Dom Afonso Henriques organizou uma ofensiva contra os mouros que haviam ocupado a cidade de Lisboa. O cerco iniciou em 1º de julho de 1147 e estendeu-se até 25 de outubro do mesmo ano. Os portugueses tiveram apoio dos cruzados franceses, normandos e alemães nessa batalha.

Publicado em 1989, *História do cerco de Lisboa* é o sétimo romance de José Saramago. A obra é organizada em torno de dezoito capítulos de extensões variáveis, ou seja, alguns concisos, outros longos; porém, em nenhum deles há marcação de títulos e/ou numerações. O uso da pontuação na sintaxe do romance também é diferenciada, do mesmo modo que em outras obras de Saramago que não seguem a norma padrão da língua portuguesa. Em várias frases verifica-se a ausência de pontos finais, também não há travessões e nem aspas que marcam o discurso direto das personagens, logo, as vozes desses estão incluídas diretamente no plano de narração da prosa. No processo da leitura infere-se quando é o narrador e/ou quando é a voz das personagens. No entanto, isso exige atenção em demasia por parte do leitor, o que compromete, em alguns momentos, o prazer estético de ler a obra.

Perguntamo-nos, às vezes, por que Saramago opta por essa sua gramática própria, algo que não havia no início de sua carreira literária. Mesmo que seja para criar um estilo individual como escritor, na maioria das vezes, confunde o leitor e acaba não funcionando de forma eficiente do ponto de vista literário. Além disso, qualquer estilo de construção textual deve estar disposto de forma orgânica na narrativa, sendo, portanto, algo essencial para sua composição e objetivo final, de modo que não se possa conceber a obra de outra forma. Nessa narrativa histórica de Saramago, o estilo diferenciado torna-se um mero experimentalismo literário e não uma estética intrínseca ao romance.

Na abertura do livro, há uma epígrafe citada do ficcional *Livro dos conselhos*, uma invenção de Saramago, característica comum no início de suas obras. Diz a citação: “Enquanto não alcançares a verdade, não poderás corrigi-la. Porém, se não a corrigires, não a alcançarás. Entretanto, não te resignes” (SARAMAGO, 2012, p. 9). A referida passagem traz de forma irônica o tema da “verdade”, que jamais será alcançada, mas que pode ser definida no âmbito da subjetividade do sujeito que se propõe a “corrigi-la”. A “verdade” é aquela que cada um constrói para si, de acordo com o ponto de vista do observador num processo ininterrupto de reflexões e “correções”, mas ela é uma eterna busca e não um fim.

A narrativa de *História do cerco de Lisboa* começa através de um diálogo que introduz duas personagens por meio de suas ocupações profissionais. Nesse colóquio, tem-se o protagonista do romance, o revisor Raimundo Benvindo Silva (o nome é revelado adiante na diegese), e o doutor historiador, um conhecido por Raimundo, que lhe entrega um livro de história a ser revisado para publicação. Observa-se que o livro do historiador titula-se *História do cerco de Lisboa*, título homônimo ao da ficção em exame de José Saramago. Por conseguinte, verifica-se a utilização do recurso de *mise en abyme* na obra, ou seja, uma narrativa dentro de outra narrativa, ambas espelhadas pelo título do romance histórico em pauta e pelo referido livro de história.

O diálogo entre esses dois personagens aborda o universo da materialidade e produção dos livros, isto é: a tipografia, a revisão, o processo de reescrever várias vezes a mesma obra até o escritor encontrar o tom e a forma almejada, o uso do *deleatur*, um sinal de revisão usado para indicar a letra ou palavra a ser suprimida do texto. Tem-se inclusive uma reflexão a propósito dos gêneros textuais, na qual o doutor registra que o seu livro é de “História”, segundo a classificação tradicional. Entretanto, o revisor Raimundo contrapõe o argumento do doutor ao alegar que “tudo quanto não for vida, é literatura, a história também, a história, sobretudo” (SARAMAGO, 2012, p. 15).

Reparemos que, nessa passagem citada, Saramago já problematiza as diferenças clássicas entre “história” e “ficção”, situando-as como narrativas fora da vida, portanto, ambas literárias por natureza, uma vez que “a história foi vida real no tempo em que ainda não poderia chamar-se *lhe história*” (SARAMAGO, 2012, p. 16). O início do romance é admirável ao promover discussões que visam desconstruir as características tradicionais dos referidos gêneros. Os comentários historiográficos e literários são expostos pelo uso da metalinguagem e abordados de forma densa pelos aludidos personagens. Entretanto, no percurso da narrativa esses debates serão colocados para a margem do romance em virtude da composição da trama.

Na sequência, a narrativa desloca-se temporalmente para o passado, no ano de 1147, em que temos a personagem cega Almuadem (sacerdote mulçumano) que acorda de manhã em Lisboa para convocar os fiéis para orar na mesquita. No entanto,

não tem descrito assim o historiador no seu livro. Apenas que o muezim subiu ao minarete e dali convocou os fiéis à oração na mesquita, sem rigores de ocasião, se era manhã ou meio-dia, ou se estava a pôr-se o sol, porque certamente, em sua opinião, o miúdo pormenor não interessaria à história, somente que ficasse o leitor sabendo que o autor conhecia das coisas daquele tempo o suficiente para fazer delas responsável menção (SARAMAGO, 2012, p. 19).

O narrador aponta que a literatura descreve os detalhes pessoais das ações das personagens, enquanto que a narrativa historiográfica se concentra no núcleo da ação, focando na sua importância histórica para a consolidação dos fatos. Observamos que a obra apresenta um narrador onisciente intruso na terceira pessoa, que se posiciona, enuncia opiniões, simpatiza-se com os mouros e critica a mentalidade católica medieval. Isso estabelece um contraponto com a história oficial, que, de certo modo, vangloria o exército católico por ter vencido os mouros em Lisboa.

Conforme apontamos anteriormente, as reflexões a propósito de as diferenças entre a “história” e a “ficção” são frequentes desde o momento em que o protagonista recebeu a obra do doutor e continuam quando ele começa o processo de revisão

textual. Contudo, o destaque não está na figura do historiador, mas sim na do revisor, pois esse pode mudar sutilmente — ou não — os detalhes de um texto conforme seus interesses pessoais. Isso lhe confere um poder maior que o do historiador, ou seja, o revisor pode alterar o curso interpretativo de uma parte da história oficial, o que de fato ocorre na *História do cerco de Lisboa*.

Depois desse início, o romance passa a apresentar uma arquitetura narrativa complexa que alterna entre dois planos narrativos temporais. O primeiro situa-se no presente de Raimundo, personagem que mora em Lisboa e trabalha como revisor de uma editora há vários anos. Nesse contexto, têm-se as seguintes personagens: o mencionado historiador; Costa, responsável por receber as cópias revisadas dos revisores e encaminhá-las à produção; o diretor literário; Maria, a diarista de Raimundo; Sara, a telefonista; por último, Maria Sara, contratada para ser a chefe dos revisores da editora após o erro deliberado do protagonista na revisão da obra do historiador, como veremos adiante.

O segundo plano temporal da narrativa situa-se em 1147, durante o episódio histórico do cerco de Lisboa. Nesse contexto, existem as seguintes personagens: o cego Almuadem; Dom Afonso Henriques, líder dos guerreiros católicos rumo a Lisboa; Mem Ramires, um dos capitães combatentes do cerco; Mogueime, um dos guerreiros que também está na batalha; Frei Rogeiro, que representa a igreja católica e torna-se o interlocutor nas discussões entre os mouros e el-rei Dom Afonso e, por último, Ouroana, interesse amoroso do personagem Mogueime.

A narrativa expressa um movimento pendular entre o passado do cerco e o presente do revisor Raimundo em Lisboa. Ambas as temporalidades são atreladas por um cão, que aparentemente está presente nos dois planos temporais, proporcionando um elo insólito na narrativa. A oscilação entre os oito séculos que separam os dois cronotopos de ação dá-se através de mudanças repentinas no cotidiano e/ou pelo pensamento de alguma personagem. Desse modo, as alterações de um plano temporal

para o outro são abruptas, elas ocorrem geralmente de um parágrafo para o outro, o que exige atenção do leitor.

Na trama, durante o processo de revisão da obra do historiador sobre o cerco de Lisboa, o protagonista questiona a veracidade dos fatos históricos e/ou como esses são produzidos:

[...] foi à fonte limpa das historiografias modernas, buscou e encontrou, bem me queria a mim parecer, Machado, crédulo, copiou sem conferir o que haviam escrito Frei Bernardo de Brito e Frei António Brandão, é assim que se arranjam os equívocos históricos, Fulano diz que Beltrano disse que Cicrano ouviu, e com três autoridades dessas se faz uma história (SARAMAGO, 2012, p. 45).

Raimundo antipatiza com a obra do historiador e percebe que a história oficial nada mais é do que uma compilação de discursos, cuja origem é questionável em vários sentidos. Seguindo na revisão, acontece o que determina o nó do enredo, o protagonista insere um “não” na frase: “os cruzados “Não” auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e, portanto passou a ser verdade” (SARAMAGO, 2012, p. 50). Assim, o revisor altera todo o sentido do texto, já que historicamente os cruzados ajudaram as forças de Dom Afonso Henriques a tomar Lisboa dos mouros.

Os motivos que induzem Raimundo a alterar o texto original do historiador e, mesmo assim, entregá-lo à editora com esse erro deliberado não ficam nitidamente explicados na narrativa. Nessa parte, o narrador apenas faz referência intertextual ao clássico Dr. Jekyll e Mr. Hide, e registra que no conflito pessoal ganha Mr. Hide. Desse modo, o protagonista sorri, “com uma expressão que não esperaríamos dele, de pura malignidade, desapareceram-lhe do rosto todos os traços do Dr. Jekyll” (SARAMAGO, 2012, p. 49-50). Assim, ele altera a história do cerco de Lisboa e, por consequência, teria também que contar a nova versão, o que surge através de um movimento pendular narrativo entre o cotidiano de Raimundo e o novo passado da cidade.

No décimo terceiro dia, o revisor é convocado pela editora para explicar a inserção do “não” no texto. Raimundo não é demitido, mas a partir desse ocorrido os

revisores ficam sob a supervisão de Maria Sara, personagem que exerce a função de interesse amoroso por parte do protagonista. Esse envia uma carta de desculpas para o autor do livro e fica inquieto com a presença de Maria Sara, que somente será apresentada para ele através de um telefonema. Adiante, uma reunião com Raimundo é marcada pela chefe dos revisores.

Na reunião, Maria Sara dá o livro sem a errata para Raimundo, estimulando-o a escrever a nova versão da história do cerco de Lisboa. Na medida em que o revisor altera o passado, por consequência, passa a alterar a sua vida no presente, dado que a introdução da personagem Maria Sara na trama ocorre devido ao “erro” de Raimundo no texto. A nova história do cerco narrada pelo protagonista começa a se espelhar no presente do revisor. Acontece um processo de simetria entre quatro personagens, duas do passado, duas do presente, uma síntese entre os casais (de um lado, Raimundo e Maria Sara e, de outro, Mogueime e Ouroana) na narrativa entre as duas temporalidades. Analisando esse romance histórico, Maria Marinho aponta que

a fusão dos dois pares é de tal modo fundamental que condiciona a própria construção da História fictícia, ao ponto de Raimundo não poder desistir de reescrever o Cerco, por causa de Maria Sara, e de ser esta a principal instigadora de uma história criativa (MARINHO, 1999, p. 273).

No tempo presente, Raimundo tenta entrar em contato com Maria Sara, enquanto isso, no passado, Dom Afonso Henriques conquista Santarém, na qual se destaca o combatente Mogueime, pois o seu corpo foi usado como escada para que os guerreiros subissem onde estavam os mouros. Após Santarém, o exército de el-rei dirige-se para Lisboa. Mogueima, personagem historicamente coadjuvante do episódio do cerco, passa a ser o protagonista da nova versão. Tal situação confere uma característica importante à intriga, dado que um homem comum recebe proeminência na narrativa em paralelo à personagem Dom Afonso Henriques, fundador do reino de Portugal.

Após um encontro na casa de Raimundo, esse e Maria Sara dormem juntos e iniciam um relacionamento. No outro dia, ao jantarem juntos, a chefe dos revisores pergunta para o protagonista como está a nova história do cerco de Lisboa. Saramago utiliza as próprias vozes das personagens para tecer comentários metaficcionalis literários e historiográficos:

Poderia acabá-la em três linhas, no género depois se casaram e foram muito felizes, no nosso caso os portugueses num supremo esforço tomaram a cidade, ou então ponho-me a enumerar as armas e as bagagens, a enredar as pessoas e as personagens, e nunca mais chegarei ao fim, uma alternativa seria deixá-la ficar tal qual está, agora que já nos encontrámos, Preferiria que a terminasses, tens que resolver as vidas daquele Mogueime e daquela Ouroana, o resto será menos importante, de toda a maneira como sabemos como a história terá de acabar, a prova é estarmos a jantar em Lisboa, não sendo de mouros (SARAMAGO, 2012, p. 298-299).

Interessante observar que Maria Sara preocupa-se com a relação amorosa entre Mogueime e Ouroana, dado que eles já sabem historicamente qual o final do cerco, pois vivem atualmente em Lisboa. Por um lado, isso confere o anticlímax da narrativa histórica do cerco, por outro, promove o clímax para o relacionamento das personagens do passado. O romance termina no presente, quando Raimundo termina por enlaçar as pontas do passado histórico literariamente reconstruído. As personagens do passado, Mogueime e Ouroana, não permanecem em Lisboa porque o casal Raimundo e Maria Sara são respectivamente uma atualização espelhada deles no presente.

Notamos que o romance de Saramago apresenta uma série de características que compõe os romances históricos pós-modernos. Conforme vimos em Hutcheon, a arte pós-moderna se caracteriza pela presença da metaficção, ironia, paródia e intertextualidade. Na sua maioria, esses recursos são utilizados com a intenção de problematizar a história oficial. Desse modo, observamos que a obra apresenta as principais peculiaridades que definem uma “metaficção historiográfica”, visto que é

um romance autorreflexivo e que também se apropria de acontecimentos e personagens históricos.

Compreendemos que o autor desconstrói todos dos conceitos que estão na base das narrativas históricas consideradas tradicionais. Ademais, *História do cerco de Lisboa* ironiza historiadores e revisores, pois esses são representados na trama por personagens de caráter ambíguo e de atitudes subjetivas no âmbito de suas profissões. Pela própria natureza do enredo, o romance nos revela a atual consciência dos pesquisadores de que o passado histórico sempre nos chega através de textos configurados que podem ser questionados através de outras abordagens interpretativas e historiográficas.

De acordo com a proposta teórica de Menton, a obra de Saramago apresenta algumas das seis características que constituem o novo romance histórico. O romance exhibe nitidamente quatro das seis características mencionadas. Desse modo, observa-se a primeira, a segunda, a quarta e a quinta.

A primeira é a subordinação, em diferentes graus, da mimesis de um período histórico para a apresentação de algumas ideias filosóficas aplicáveis a períodos do passado, presente e futuro. As ideias que têm maior destaque são as da impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou a realidade e, parodicamente, o caráter imprevisível dessa, o que significa que os eventos mais inesperados e mais surpreendentes podem ocorrer. Uma das principais ideias que o romance discute é a da impossibilidade de sabermos a verdade dos fatos reconstruídos pela história oficial. Notamos que desde a epígrafe falsa de Saramago o tópico da “verdade” está colocado ironicamente pelo autor, uma vez que emprega uma citação inexistente do inventado *Livro dos conselhos* para discorrer sobre a “verdade”.

A segunda característica aponta para a distorção consciente da história, mediante omissões, exageros e anacronismos. Toda a ação da narrativa ocorre através do “Não” consciente do revisor que altera todo o sentido da história: “os cruzados

“Não” auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e, portanto passou a ser verdade” (SARAMAGO, 2012, p. 50). Logo, esse advérbio negativo proporciona o desenvolvimento da intriga do plano ficcional no tempo presente de Raimundo e, do mesmo modo, catalisa a construção do plano ficcional pseudo-histórico da nova conquista de Lisboa por parte dos católicos.

A quarta peculiaridade registrada por Menton é a metaficção — a ficção que reflete sobre o processo de criação de uma narrativa ficcional — por meio de comentários do narrador a respeito do método de construção da obra. Essa característica se concretiza mediante o diálogo no início do romance entre o revisor e o historiador. Na sequência, isso se intensifica pelos constantes monólogos interiores do protagonista Raimundo, que se sente desconfortável com as afirmações dos historiadores e motiva-se, por intermédio da personagem Maria Sara, a criar uma nova versão dos fatos históricos, de modo que subverte os textos oficiais.

A quinta característica refere-se ao uso da intertextualidade, que incide no romance quando a personagem central cita passagens das fontes históricas oficiais e as altera deliberadamente, desconstruindo a história oficial. Além disso, há um diálogo externo entre Saramago, Luiz Vaz de Camões e Fernando Pessoa, através da personagem histórica protagonista do cerco de Lisboa. Em *Os lusíadas*, Camões narra no Canto III, numa perspectiva heroica, a trajetória de D. Afonso Henriques na citada batalha. E num dos livros de poemas de Pessoa, *Mensagem*, há o poema laudatório “D. Afonso Henriques”, que elogia o rei considerado fundador de Portugal.

Observa-se que o narrador onisciente intruso e o protagonista da intriga experimentam teorias da narratividade no próprio centro da narrativa, o que confere ao romance um exercício denso de escrita experimental teórico-histórica. O experimentalismo literário não surge nessa obra através do uso da pontuação de Saramago, que, conforme apontamos anteriormente, não se mostra orgânico no romance, mas sim pelo emprego de uma linguagem diferenciada que preza pela

coloquialidade. Também, por romper com as formas tradicionais de representação dos fatos históricos a fim de fazer o leitor ponderar e questionar sobre a veracidade do discurso oficial da história e conhecer as múltiplas possibilidades de construção do discurso ficcional.

Portanto, finalizando a análise, concluímos que essa ficção apresenta uma técnica literária flexível de difícil classificação, pois qualquer categorização da obra pode ser questionada a partir de outras possibilidades de leitura, seja essa pelo viés da teoria historiográfica, ou pela própria teoria do romance pós-moderno. No entanto, entendo que o caráter de narrativa experimental teórica (histórica) que *História do cerco de Lisboa* exhibe para o leitor predomina perante qualquer classificação que essa obra possa vir a ter no âmbito dos estudos literários.

REFERÊNCIAS

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio Janeiro: Imago, 1991.

MARINHO, M. F. *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 1999.

MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*. México: FCE, 1993.

SARAMAGO, J. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Submetido em: 04/08/2014

Aceito em : 02/09/2014